

Ecoturismo e cultura

Marcelo Cordeiro

O ecoturismo é uma forma de conservação ambiental que incorpora diretamente os fatores culturais constitutivos da vida das comunidades humanas que ocupam os espaços e sítios existentes ou potenciais para a prática do turismo sustentável em áreas naturais. Trata-se de reconhecer a unidade orgânica e indestrutível entre o patrimônio natural e o patrimônio cultural. Não como elementos distintos que se complementam, mas como uma unidade integrada que se expressa em uma relação de estreita dependência.

A conservação ambiental, em tais circunstâncias, só é possível se a comunidade local, os visitantes ecoturísticos e os planejadores públicos e privados tiverem plena consciência de que as manifestações culturais ali existentes desaparecerão se desaparecerem as condições ambientais e sociais nas quais se formaram e que essa relação é necessária à preservação de ambos.

Num contexto mais amplo de reflexões, Anthony Giddens, em seu famoso livro *Para Além da Esquerda e da Direita*, nos oferece esta magistral visão do problema da modernidade reflexiva que vivemos: "A destraditionalização não só afeta o mundo social, mas também influencia a transformação da natureza, e é por esta influenciada. A tradição, como a natureza, costumava ser um contexto "externo" de vida social, algo que era dado e, em muito, incontestável. O fim da natureza — e do natural — coincide com o fim da tradição e do tradicional".

A experiência brasileira e internacional tem demonstrado que a criação de unidades de conservação

ambiental, baseadas no aproveitamento do turismo ecológico como forma sustentável de ocupação econômica, somente é possível e só se mantém sustentável ao longo do tempo quando a comunidade envolvente é estimulada a participar culturalmente do projeto e atua como parte integrante do processo de promoção dos seus valores culturais e seus costumes seculares. Quando isso acontece, a comunidade se reconhece no projeto, o sítio ecoturístico não se aliena do meio cultural que o rodeia e não se transforma em um enclave desfrutado por desconhecidos visitantes "estrangeiros", mas é parte do mundo global de que tanto se fala.

Nessas condições não pode haver política de desenvolvimento do ecoturismo sem uma correspondente política cultural. É por essa razão que o ecoturismo deve ser tratado de forma diferenciada em relação ao turismo convencional e é também por esse motivo que o ecoturismo vai além de um simples turismo cultural, cuja lógica é apenas a exibição de um episódio cultural sem as profundas e indissolúveis relações que a cultura mantém com as estruturas físicas que a influenciam e, às vezes, fornecem boa parte de sua compreensão.

A política oficial de ecoturismo, que será mais bem conhecida por ocasião do World Ecotour'97, evento que se realizará em dezembro deste ano no Rio de Janeiro, quando o ministro do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, Gustavo Krause, e o presidente da Embratur, Caio Luís de Carvalho, apresentarão as conclusões dos estudos que vêm realizando, parece le-

var em consideração que a demanda por ecoturismo incorpora, entre suas exigências, que a apresentação da paisagem e dos seus componentes naturais — flora, fauna e relevo — não se restrinja a mera descrição, ainda que científica, mas que transforme em história social o que antes era apenas geografia. É preciso levar sempre em conta que, mesmo nas áreas mais ínvias e desoladas, nos vastos desertos, florestas, coleções gigantescas de águas, mangues ou nas alturas solitárias dos chapadões, a presença criadora do homem introduziu um vasto conhecimento "natural", uma interpretação própria dos fenômenos particulares do ambiente e traduziu em expressões culturais e artísticas a experiência existencial em meio àqueles misteriosos continentes da biodiversidade. É fortemente dessa dimensão que se compõe a proposta de uma economia do ecoturismo.

O êxito do turismo ecológico entre nós, tão necessário a um país que precisa aproveitar seus recursos naturais para incluir os pobres na vida produtiva, depende do "engajamento das comunidades localizadas em destinos ecoturísticos potenciais e existentes, estimulando-as a identificar no ecoturismo uma alternativa econômica viável". Para alcançar o justo objetivo preconizado pelo governo federal, é imprescindível que a comunidade de que tratamos chegue até a sua nova atividade econômica pela via da cultura e que esta seja, mais ainda que o ambiente natural, o objeto do seu trabalho, de modo a converter em mercadoria os bens culturais tradicionais ameaçados de extinção. Nessa visão, o fator

cultural opera como elemento estruturante do ecoturismo por intermédio da comunidade e dos seus agentes culturais.

A existência de uma unidade de conservação baseada em turismo sustentável em áreas naturais faz surgir uma nova economia onde antes havia grande vazio econômico. Essa economia é uma forma excursionista de turismo que propicia a penetração econômica em regiões para as quais não existem possibilidades de aproveitamento econômico com base em economias tradicionais, como a indústria ou a agropecuária que fatalmente levariam à degradação ambiental. O dinamismo promovido pela presença organizada e sustentável dos investimentos em turismo suscitará a integração das comunidades e seus indivíduos como fiscais do ambiente, trabalhadores treinados e especializados em ecoturismo, mas, sobretudo, abrirá para as pessoas e grupos diretamente envolvidos com a produção cultural um mercado de trabalho novo e global.

O avanço do ecoturismo no Brasil configurará um patamar no qual artistas e artesãos passarão a se beneficiar do mercado consumidor de bens culturais, assegurando autonomia às atividades tradicionais e conferindo um novo alento para a conservação unitária de culturas e ecossistemas.

É nesse sentido que cultura e meio ambiente se entrelaçam e passam a exprimir-se numa perspectiva de futuro.

■ Marcelo Cordeiro é historiador e consultor de empresas

Class. _____
Data _____
02/11/1997
204
223